

Carlos Morujão

SCHELLING E O PROBLEMA DA INDIVIDUAÇÃO

(1792 - 1809)

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

**SCHELLING E O PROBLEMA
DA INDIVIDUAÇÃO**

Título: Schelling e o Problema da Individuação (1792-1809)

Autor: Carlos Morujão

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Março de 2004

ISBN: 972-27-1280-2

Depósito legal: 206 698/04

Carlos Morujão

SCHELLING E O PROBLEMA DA INDIVIDUAÇÃO

(1792-1809)

CENTRO DE LITERATURA E CULTURA PORTUGUESA E BRASILEIRA

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2004

NOTA PRÉVIA

Há várias maneiras de ler um filósofo, mas, no caso de Schelling, a menos apropriada talvez seja aquela que Hans-Georg Gadamer considerava como a tarefa fundamental de qualquer intérprete ou estudioso de Hegel: soletrá-lo. É certo que vários textos de Schelling nos convidam, pela sua excepcional dificuldade, ou pelo seu carácter particularmente árido e abstracto, a um exercício desta natureza e, neste trabalho, cedemos, algumas vezes, à tentação de o fazer. No entanto, ao ler Schelling, fica-nos quase sempre a sensação que, num texto, depois de tudo explicado na mais estrita fidelidade à letra, algo ficou ainda por explicar. Normalmente, a leitura do texto seguinte na ordem de composição confirma esta primeira impressão. O carácter inacabado de muitas das suas obras, o desequilíbrio patente da estrutura de quase todas elas, que ao próprio autor não podia ter passado despercebido, são ainda hoje um desafio para o intérprete.

Schelling não concluiu algumas obras que começou a publicar, como aconteceu com a Nova Dedução do Direito Natural, de 1796; não chegou a realizar alguns projectos que ambicionava levar a cabo, como o de escrever uma ética à la Spinoza, ou uma réplica da Crítica da Faculdade de Julgar; outros, no momento da sua realização, adquiriram feição bem diversa daquela que deveriam vir a ter, como aconteceu com os oito artigos que, entre 1796 e 1798, publicou no Philosophisches Journal, e que deveriam consistir numa longa recensão da Doutrina da Ciência de Fichte; muitos dos seus textos (e não dos menos importantes), como, por exemplo, o Sistema de toda a Filosofia, de 1804, conjunto de lições na Universidade de Würzburg, permaneceram inéditos e só foram publicados na edição póstuma das suas obras completas, organizada pelo filho Karl; por fim, Schelling não foi o autor de um só livro, como Schopenhauer, nem de vários livros, como Kant — talvez não tenha sequer escrito um único livro, com a excepção parcial do Sistema do Idealismo Transcendental —, mas de uma multiplicidade de tex-

tos, ordenados, não tanto em torno de um problema, como de um enigma, a saber, o da existência.

Para ler Schelling, talvez o processo mais adequado seja aquele que, um dia, Gilles Deleuze propunha num curso sobre a 3.^a Crítica de Kant: não querer compreendê-lo todo, mas captar-lhe o ritmo. Schelling precisa de ser lido integralmente e, no entanto, provavelmente, nem tudo o que escreveu merece hoje ser lido com igual atenção. É um facto curioso: a sua filosofia da natureza, por exemplo, dá hoje talvez menos a pensar do que a de Kant (ou do que os esboços de Kant nesse sentido), embora tenha havido uma altura em que parecia fornecer a chave para a compreensão da natureza e, «dando asas à física» — segundo a bela expressão do Systemprogram, que nada, contudo, garante que seja de autoria schellinguiana —, poder desvendar o enigma da existência. Por outro lado, a filosofia da natureza *stricto sensu* ocupa apenas escassos quatro anos da actividade filosófica de Schelling (de 1797 a 1801, ou seja, de Ideias para uma Filosofia da Natureza a Sobre o Verdadeiro Conceito de Filosofia da Natureza, ou, quando muito, à Exposição do Meu Sistema de Filosofia) e os escritos posteriores que a ela se parecem ainda ligar, como as célebres duas séries de Aforismos de 1805-1806 — e esta impressão é provavelmente reforçada pelo facto de Schelling chamar, em Munique, *Naturphilosophie* ao sistema da identidade, ou seja, à sua própria filosofia entre os anos de 1801 e 1806 —, extravasam largamente o âmbito que lhe fora confinado na sua primeira formulação.

Sobre a legitimidade de abordarmos o pensamento de Schelling na perspectiva do problema da individuação explicamo-nos no § 1 da «Introdução» a este trabalho. Mas não gostaríamos que a nossa explicação se parecesse demasiado com uma justificação e fosse, por isso mesmo, demasiado defensiva. Afinal, por que razão não o poderíamos abordar nesta perspectiva? É, desde, pelo menos, Aristóteles, um dos grandes temas da filosofia ocidental e Schelling, mais, certamente, do que muitos outros, disse sobre ele coisas de uma espantosa pertinência e actualidade, se bem que nunca o tenha estudado tematicamente num único livro. Além disso, trouxe, para o resolver, um conjunto formidável de conceitos, de variada proveniência, alguns dos quais profundamente transformados por si: produto, produtividade, organismo, potência, ideia, entre muitos outros.



Se os filósofos, como diz algures Xavier Tilliette, fazem normalmente a prova oral antes da prova escrita, quer dizer, ensinam primeiro aquilo que, depois, será matéria dos seus escritos e dos seus livros, as contin-

gências da distribuição do serviço docente, na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, durante os anos em que redigimos este trabalho, nunca permitiram que assim acontecesse. Nunca poderemos saber o que seria esta dissertação se alguma vez tivéssemos tido a oportunidade de ensinar Schelling, ou alguns dos outros autores, como Espinosa, Leibniz ou Kant, que são aqui citados com mais frequência. Com eles, na maior parte dos casos, mantivemos, nestes últimos anos, um convívio quase privado. As páginas que se seguem ressentem-se, por isso, do facto de serem o resultado de uma descoberta não partilhada, excepto naquelas raras ocasiões em que a amabilidade dos organizadores de um colóquio, ou do director de uma revista, nos permitiu expor diante do público o andamento dos nossos trabalhos.



As páginas que se seguem reproduzem, quase sem alterações no que respeita ao conteúdo, a dissertação que apresentámos, em Janeiro de 2001, para a obtenção do grau de doutor em filosofia, à Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. O tempo entretanto decorrido, bem como algumas leituras que desde então fizemos, não nos convenceram da necessidade de alterar, quanto ao essencial, o que quer que fosse do que então defendemos. Diga-se, em todo o caso, que um esforço de clareza, sem o qual não concebemos a prática da filosofia (que só se justifica se despertar aquela sensação que Goethe dizia experimentar ao ler uma página de Kant: entrar num espaço iluminado) nos obrigou a rescrever algumas passagens.

O mesmo se diga em relação às notas de rodapé, embora aqui tivéssemos procedido a alguns desenvolvimentos que não faziam parte do texto original. Esperamos que o leitor não as ache excessivas e compreenda que não nos motivou um qualquer desejo de patentear grande erudição. A erudição é, aliás, o mais inútil de todos os saberes: qualquer um o pode obter, se o desejar, bastando-lhe para tal, apenas, tempo e paciência. Não esquecemos, contudo, que são raríssimos, no nosso meio filosófico e universitário, os trabalhos sobre Schelling, e que também não são muito numerosos os trabalhos sobre autores do idealismo alemão. Procurámos que o leitor pudesse compreender todas ou quase todas as referências que fizemos a autores, textos, temas ou controvérsias deste período excepcionalmente rico da história da filosofia, incluindo o leitor que, não sabendo o alemão, terá mais dificuldade em aceder aos originais e aos comentários mais pertinentes, de que não há tradução para as línguas com que se encontra familiarizado. Ainda hoje, o saber alemão é

raro nos nossos meios universitários (e fora deles), conferindo por vezes a quem o sabe a fama, quantas vezes imerecida, de grande inteligência, quando não é senão mais um dos sintomas do nossa proverbial e lamentável ignorância.

Quanto ao mais, diremos que nenhum autor serve para tudo, nem nenhum livro serve para tudo, nem nas mesmas ocasiões. O mesmo se diga de Schelling e de um livro sobre Schelling. Trata-se de mais um livro de filosofia, numa época que, ao contrário do que defendem alguns, não sente a falta de filosofia, nem procura a filosofia. Para nós, que temos a ousadia de pensar que só a filosofia está em condições de levantar alguns problemas, que não existiriam sem ela, e de criar os instrumentos conceptuais que os poderão resolver, estes «tempos de indigência», para nos servirmos de uma célebre expressão do poeta e pensador Friedrich Hölderlin, são uma tragédia para o pensamento e uma tragédia para a humanidade. O pensar rigoroso, mesmo nos meios aparentemente mais exigentes do ponto de vista intelectual, como é o caso da Universidade, cedeu o lugar, conforme os casos, ou à ideologia, ou às visões do mundo assentes em interesses de grupos, ou ainda a uma vaga religiosidade (sem religião autêntica, diga-se em prol da verdade) onde cada um procura uma solução para as suas pequenas angústias e os seus pequenos problemas. Os tempos futuros não julgarão com indulgência a nossa época, supondo, bem entendido, que haverá ainda um futuro para nós.



É de inteira justiça que, nestas ocasiões, o autor exprima o seu reconhecimento a todos os que, de uma ou outra forma, contribuíram para que uma dissertação desta natureza fosse possível. Como acontece com quase tudo na vida, só depois do trabalho realizado é que ficamos a saber aquilo que devemos e a quem o devemos.

Gostaríamos, em primeiro lugar, de agradecer ao Prof. Wilhelm Jacobs, da Universidade de Munique, pelo cordial acolhimento nos seus seminários sobre o idealismo alemão, nos semestres de Inverno de 1998-1999 e 1999-2000, bem como pelo empréstimo de várias espécies bibliográficas da biblioteca da Schelling-Kommission, da Bayerische Akademie der Wissenschaften; e à Prof.^a Michaela Boenke, da Universidade de Munique, pela simpatia com que nos recebeu no seu seminário sobre o Bruno de Schelling, no semestre de Inverno de 1999-2000. Em Março e Abril de 1995, a convite do Prof. Joaquim Cerqueira Gonçalves, tivemos a oportunidade de participar, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, num seminário orientado pelo Prof. Oswaldo Market,

da Universidade Complutense de Madrid, sobre a *Freiheitsschrift* de Schelling. À generosidade do Prof. Market ficámos ainda a dever o acesso a uma edição, que não conhecíamos, das *Münchner Vorlesungen*, e que na altura não tivemos oportunidade de agradecer. Constituiu, também, um momento importante da nossa aprendizagem a tradução para português e apresentação da «*Einleitung*» a *Ideen zu einer Philosophie der Natur*, realizada sob o patrocínio do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Em particular ao Prof. Manuel do Carmo Ferreira, que em nós confiou para a realização desta edição e a enriqueceu com as suas sugestões, os nossos agradecimentos.

À amabilidade e à competência dos serviços da *Bayerische Staatsbibliothek* e da *Universitätsbibliothek München* devemos a possibilidade de consulta de obras a que, de outra forma, dificilmente teríamos acesso. Igualmente, ao Serviço de Empréstimos Interbibliotecas, da Biblioteca Universitária João Paulo II, e, em particular, à Dr.^a Margarida Vilhena de Carvalho, devemos a possibilidade de requisição de livros de várias bibliotecas universitárias alemãs. O serviço de bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian concedeu-nos um subsídio para custear a nossa deslocação a Munique, em 1998. Somos igualmente devedores de dois subsídios, para o mesmo efeito, nos anos de 1998 e 1999, da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa; ao seu director, Prof. Mário Pinto, e, muito especialmente, ao seu então secretário, o Prof. Dr. Manuel Cândido Pimentel, os nossos agradecimentos. Desejamos ainda expressar os nossos agradecimentos a todos os que, na área de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas, manifestaram o seu interesse pela realização deste trabalho e nos concederam o seu estímulo; pela assiduidade do convívio que com eles mantivemos ao longo destes anos, gostaríamos de salientar os Profs. Joaquim Cerqueira Gonçalves e Joaquim de Sousa Teixeira.

Merece uma especial palavra de gratidão o Prof. Manuel do Carmo Ferreira, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Não apenas pela generosidade do seu apoio a esta investigação e pelo cuidado e atenção com que acompanhou as diversas fases da sua elaboração, mas, sobretudo, por ter despertado em nós o interesse pelo idealismo alemão e ter marcado decisivamente o modo como abordamos este momento excepcional da história da filosofia. O seu seminário «O saber absoluto como projecto do idealismo alemão», em 1987-1988, leccionado no âmbito do curso de Mestrado em Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa, ficará sempre para nós como um modelo de docência universitária, ao qual, noutras áreas e, porventura, com outros interesses, procurámos sempre manter-nos fiéis.

SIGLAS E ABREVIATURAS MAIS FREQUENTES

- Ak. Ausg.* — Kant, *Gesammelte Schriften*, herausgegeben von der königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften
Anti-Fichte — Schelling, *Darlegung des wahren Verhältniss der Naturphilosophie zu der verbesserten Fichteschen Lehre*
BuD — Fuhrmans, F. W. J. Schelling. *Briefe und Dokumente*
Freiheitsschrift — Schelling, *Philosophische Untersuchungen über das Wesen der menschlichen Freiheit und die damit zusammenhängenden Gegenstände*
GA — Fichte, *Gesamtausgabe*
GA — Martin Heidegger, *Gesamtausgabe*
GM — C. I. Gerhardt (Hrsg.), *G. W. Leibniz. Mathematische Schriften*
GP — C. I. Gerhardt (Hrsg.), *Die Philosophischen Schriften von Leibniz*
HKA — Schelling, *Werke/Historisch-Kritische Ausgabe*
KFSA — Fr. Schlegel, *Kritische Friedrich Schlegel Ausgabe*
KpV — Kant, *Kritik der praktischen Vernunft*
KrV — Kant, *Kritik der reinen Vernunft*
KU — Kant, *Kritik der Urteilskraft*
STI — Schelling, *System des transzendentalen Idealismus*
SW — Fichte, *Sämtliche Werke*
SW — Schelling, *Sämtliche Werke*
Systemprogram — Schelling (?), *Das älteste Systemprogram des deutschen Idealismus*
WL — Fichte, *Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre*

«[...] betrachten die meisten das Einzelne als verneinend, nämlich als das, was nicht das Ganze oder Alles ist; es besteht aber kein Einzelnes durch seine Begrenzung, sondern durch die ihm einwohnende Kraft, mit der es sich als ein eignes Ganzes dem Ganzen gegenüber behauptet.»

SCHELLING, *Über das Verhältnis der bildende Künste zu der Natur*, SW, VII, p. 303.

INTRODUÇÃO

§ 1

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O TEMA DA INDIVIDUAÇÃO E SOBRE A PERSPECTIVA EM QUE SERÁ ABORDADO NO PRESENTE TRABALHO

O tema que serve de fio condutor à presente investigação é o problema da individuação em Fr. W. J. Schelling, entre 1792 e 1809. Entre estas duas datas situam-se, como se sabe, o estudo intensivo da filosofia de Espinosa, o confronto do seu monismo substancial (e da causalidade imanente que lhe está associada) com a filosofia da subjectividade saída da revolução copernicana de Kant e prolongada por Fichte e a elaboração de uma teoria da relação entre o finito e o infinito, à qual, para além dos autores mencionados, Platão fornecerá um poderoso impulso.

No interior do horizonte delimitado por este conjunto de problemas, o lugar do tema da individuação na produção filosófica do autor não é, numa primeira abordagem, fácil de determinar. Tal dificuldade resulta, em primeiro lugar, da inexistência de uma obra que lhe seja especificamente consagrada, ou, sequer, de uma parte significativa de uma obra, até mesmo quando os problemas abordados — de natureza metafísica, gnoseológica, ética ou estética — pareciam exigir que ao indivíduo se dedicassem mais do que algumas páginas de tematização explícita. É certo que são numerosas as referências a ele em algumas das mais importantes obras do autor — o *Von der Weltseele*, de 1798, o *Sistema do Idealismo Transcendental*, de 1800, os cursos de Jena e Würzburg sobre *Philosophie der Kunst*, dos anos 1802-1803, as duas séries de *Aforismos*, dos anos 1805-1806, ou a *Freiheitsschrift*, de 1809¹ —, mas não

¹ Analisaremos estas obras, ao mesmo tempo que tentaremos determinar o seu lugar sistemático no desenvolvimento do pensamento schellinguiano,

é menos certo que, em muitas outras, ele se encontra estranhamente ausente, a tal ponto que, nem a palavra «individuação», nem quaisquer outras que dela pudéssemos aproximar, aí fazem parte do léxico schellinguiano.

A pertinência da nossa investigação, contudo, não nos parece difícil de legitimar. Por um lado, se encararmos a obra de Schelling de um ponto de vista genético, ou seja, tendo em conta os momentos mais significativos da sua evolução filosófica, a partir da configuração daquele projecto que traduz a sua decisão de filosofar (com o conseqüente abandono das suas preocupações teológicas iniciais), a saber, a elaboração de uma *Ética à la Spinoza*. Por outro, tendo em atenção a sua primeira iniciação na filosofia, enquanto jovem *Stiftler* de Tübingen, sob os auspícios de Leibniz e da sua doutrina sobre a natureza das substâncias individuais. Por outro ainda, se nos recordarmos dos temas platónicos que, desde cedo, despertaram a sua atenção, em particular, o da relação entre o limite e o ilimitado, no *Filebo*, e que a voga de uma interpretação kantiana de Platão, pela historiografia filosófica alemã dos finais do século XVIII², podia aproveitar para reinterpretar a relação entre o fenómeno e a coisa-em-si. Finalmente, pela própria natureza da recepção schellinguiana de Kant, pelo lugar privilegiado que nela desempenhou a leitura da 3.^a Crítica, reactivando o tema da singularidade vista como organismo e transformando em constitutivos aqueles princípios que, para o filósofo de Königsberg, estavam destinados a desempenhar um papel meramente regulador (como, por exemplo, os de finalidade interna e externa).

Duas objecções se poderiam formular a tudo o que acabámos de dizer. A de que conferimos uma importância excessiva aos escritos iniciais de um autor cuja actividade literária e filosófica

nos caps. 5.º, 6.º, 9.º, 11.º e 12.º, respectivamente. Remetemos também para o que nesses locais é dito relativamente às circunstâncias da sua elaboração.

² Lembremos, entre os seus representantes de maior vulto, Wilhelm Gottlieb Tennemann, autor de um curioso ensaio (cujo título evoca a interpretação de Kant por Reinhold), «Versuch eine Stelle aus dem Timäus des Plato durch die Theorie des Vorstellungsvermögen zu Erklären», in *Neues Philosophisches Magazin, Erläuterungen und Anwendungen der kritischen Philosophie bestimmt*, Band 2, Leipzig, 1790, pp. 1-70. Sobre o papel desempenhado pela interpretação de Platão por Tennemann na formação do pensamento de Schelling, cf. Michael Franz, *Schellings Tübinger Platon-Studien*, Göttingen, Vandenhoeck und Ruprecht, 1996, pp. 91 e segs.

ÍNDICE GERAL

NOTA PRÉVIA	7
<i>Siglas e abreviaturas mais frequentes</i>	13
INTRODUÇÃO	17
§ 1 — Considerações gerais sobre o tema da individuação e sobre a perspectiva em que será abordado no presente trabalho	17
§ 2 — Indivíduo e indivíduos. A dedução da singularidade e a identidade do fundamento. Mundo orgânico e mundo inorgânico	23
§ 3 — O indivíduo como problema epistemológico e como problema ontológico	30
§ 4 — O problema ontológico (<i>continuação</i>). O indivíduo e a problemática do Absoluto nas filosofias pós-kantianas. O Uno-Todo ...	35
§ 5 — Regresso ao problema inicial. Insuficiência das determinações espaço-temporais da realidade do indivíduo. O organismo	42
§ 6 — Transformação da diferença qualitativa entre os indivíduos em indiferença diante do Absoluto	45
§ 7 — Indivíduo, individuação e individualidade na natureza, na história, na arte e na religião	51
Capítulo 1.º — PROJECTO DE SISTEMA E CRÍTICA DA RAZÃO. A UNIDADE E A IDENTIDADE DO EU COMO SUPERAÇÃO DA DICOTOMIA SUJEITO-OBJECTO	61
§ 1 — Considerações preliminares sobre os começos filosóficos de Schelling	64
§ 2 — Forma e conteúdo do saber	66
§ 3 — A evidenciação do <i>Princip</i>	73
§ 4 — O carácter principal da proposição $Eu = Eu$	77

Capítulo 2.º — PARA INTRODUIR À LEITURA DO <i>VOM ICH</i> . A LIBERDADE ABSOLUTA COMO SUPERAÇÃO DA DICOTO- MIA ENTRE TEORIA E PRÁTICA	85
§ 1 — Os efeitos da revolução teórica de Kant. Da síntese cognitiva à tese absoluta	87
§ 2 — O Eu e a substância: Schelling e Espinosa	94
§ 3 — Os limites da especulação. Síntese da filosofia teórica e da filo- sofia prática	101
Capítulo 3.º — A SUBSTANCIALIDADE DO EU ABSOLUTO EM <i>VOM ICH</i> E <i>PHILOSOPHISCHE BRIEFE</i>	109
§ 1 — A determinação do primeiro princípio do saber como <i>letzte</i> <i>Punkt</i> . A noção de «causalidade absoluta» e a exigência de uma reformulação do quadro categorial kantiano	109
§ 2 — As posições de Fichte e de Schelling (em 1794-1796) acerca da doutrina de Espinosa	118
§ 3 — A noção de finitude em Fichte e em Schelling, em 1795-1796. A Existência como síntese entre o Ser e o Não-ser	124
§ 4 — Prova ontológica e intuição intelectual	127
§ 5 — A filosofia prática	131
<i>Nota complementar sobre a intuição intelectual</i>	139
Capítulo 4.º — A FILOSOFIA DA NATUREZA: OS PRÓDROMOS	143
§ 1 — Considerações gerais	143
§ 2 — Relação entre ser e saber. O problema da «origem do mundo»	153
§ 3 — Matéria e Espírito	164
§ 4 — A força. Leibniz contra Kant	168
Capítulo 5.º — A FILOSOFIA DA NATUREZA: DESENVOLVIMENTO	175
§ 1 — O organismo	175
§ 2 — A construção do organismo. Produtividade e produto. A natu- reza do ponto de vista da qualidade: os processos químicos e a grandeza intensiva	183
§ 3 — A «física superior» ou o «espinosismo da física»	192
Capítulo 6.º — O SISTEMA DO IDEALISMO TRANSCENDENTAL	199
§ 1 — Considerações gerais	199
§ 2 — O surgimento do universo a partir do acto absoluto da consi- ciência-de-si	209
§ 3 — Do universo ao mundo orgânico. A acção recíproca como resta- belecimento, no tempo, da síntese absoluta	214
§ 4 — Do indivíduo como mera coisa ao indivíduo como princípio do agir	220
§ 5 — A filosofia prática	225
§ 6 — O problema do indivíduo do ponto de vista da filosofia prática	229
6.1 — Natureza e liberdade	229

6.2 — A dispersão das vontades e a recuperação da unidade	234
6.3 — A unidade moral da espécie como fundamento do direito	236
Capítulo 7.º — O PROBLEMA DO INDIVÍDUO NA FILOSOFIA DA IDENTIDADE (I)	241
§ 1 — Legitimação da filosofia da natureza em face do idealismo transcendental. Filosofia e «filosofia da filosofia»: o lugar da <i>WL</i> no sistema do saber	243
§ 2 — A identidade absoluta. A dialéctica entre a essência e a forma como princípio da individuação. A verdade e a aparência: justificação do ponto de vista da consciência comum	251
§ 3 — O <i>Bruno</i> e a <i>Absonderung</i> do finito. A teoria das ideias como resposta ao problema da individuação	261
Capítulo 8.º — O DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA DA IDENTIDADE	275
§ 1 — As <i>Fernere Darstellungen</i> . Identidade matemática e construção filosófica	275
§ 2 — Ainda <i>Fernere Darstellungen</i> : o Absoluto e o finito	283
§ 3 — Construção e intuição	289
Capítulo 9.º — A FILOSOFIA DA ARTE	299
§ 1 — Justificação da inclusão do tema «filosofia da arte» no âmbito do nosso trabalho	301
§ 2 — A unidade do ideal e do real na arte	306
§ 3 — A arte e o indivíduo na época moderna	312
Capítulo 10.º — O PROBLEMA DO INDIVÍDUO NA FILOSOFIA DA IDENTIDADE (II): A «VIRAGEM» DE 1804	319
§ 1 — <i>Philosophie und Religion</i> e <i>Propädeutik der Philosophie</i>	319
§ 2 — A queda	329
Capítulo 11.º — OS AFORISMOS DE 1805-1806	335
§ 1 — Os <i>Aforismos de 1805</i> . O estatuto da singularidade e a teoria das potências. A relação entre as ideias e a relação entre as coisas	336
§ 2 — O lugar sistemático das duas séries de aforismos, no seio da Filosofia Absoluta	345
§ 3 — Os <i>Aforismos de 1806</i>	349
Capítulo 12.º — A <i>FREIHEITSSCHRIFT</i>	355
§ 1 — Considerações gerais. Como abordar a <i>Freiheitsschrift</i>	355
§ 2 — Algumas observações sobre o método schellinguiano	362
§ 3 — O problema do panteísmo	367
§ 4 — A <i>Drei-einigkeit</i>	374

CONCLUSÃO	379
Filosofia transcendental e metafísica	379
<i>Bibliografia</i>	387
<i>Glossário alemão-português</i>	399
<i>Índice onomástico</i>	401
<i>Índice temático</i>	405

ESTUDOS GERAIS
Série Universitária

Últimas obras publicadas:

PENSAMENTO ATLÂNTICO
ESTUDOS E ENSAIOS DE PENSAMENTO LUSO-BRASILEIRO
Paulo A. E. Borges

A *ARETÉ* COMO POSSIBILIDADE EXTREMA DO HUMANO
FENOMENOLOGIA DA *PRÁXIS* EM PLATÃO E ARISTÓTELES
Antônio Caeiro

CONSCIÊNCIA E INTERSUBJECTIVIDADE EM JEAN NABERT
Maria de Lourdes Sirgado Ganho

ENSAIO SOBRE A SEXUALIDADE E OUTROS ESTUDOS
Eduardo Abranches de Soveral

DA ESSÊNCIA DA LIBERTAÇÃO
ENSAIO ANTROPOLÓGICO A PARTIR
DA POESIA DE FÉLIX CUCURULL
Antônio de Macedo

INTRODUÇÃO À EPISTEMOLOGIA
CONHECIMENTO, VERDADE E HISTÓRIA
José Luís Brandão da Luz

ESTUDOS FILOSÓFICOS
Alexandre F. Morujão
Organização e prefácio de Carlos Morujão
Vol. I

DIALÉCTICA DAS CONSCIÊNCIAS E OUTROS ENSAIOS
Vicente Ferreira da Silva
Prefácio de António Braz Teixeira

HORIZONTE E COMPLEMENTARIDADE
SEMPRE O MESMO ACERCA DO MESMO
Eudoro de Sousa
Prefácio de Fernando Bastos

A TEOGONIA DE FERÉCIDES DE SIRO
Fernando Bastos

NOVOS ESTUDOS HUMEANOS
João Paulo Monteiro

TEORIA TRIDIMENSIONAL DO DIREITO
TEORIA DA JUSTIÇA
FONTES E MODELOS DO DIREITO
Miguel Reale

LINGUAGEM E DISCURSO
UMA HIPÓTESE HERMENÉUTICA SOBRE A FILOSOFIA DE ERIC WEIL
Luís Manuel A. V. Bernardo

ESTUDOS DE METAFÍSICA E ONTOLOGIA
PERSPECTIVAS DE UM HORIZONTE FILOSÓFICO
José Bacelar e Oliveira
Prefácio de Lúcio Craveiro da Silva

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA
DA FILOSOFIA DO DIREITO EM PORTUGAL
Luís Cabral de Moncada
Apresentação de António Braz Teixeira

O MUNDO INTERIOR (ENSAIO SOBRE OS DADOS GERAIS
DA FILOSOFIA DO ESPÍRITO)
R. Farias Brito
Introdução de Luiz Alberto Cerqueira

DIONISO EM CRETA E OUTROS ENSAIOS
Eudoro de Sousa
Introdução de António Telmo

EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA ECONÓMICA
Manuel Jacinto Nunes

SCHELLING E O PROBLEMA DA INDIVIDUAÇÃO (1792-1809)
Carlos Morujão

Acabou de imprimir-se
em Março de dois mil e quatro.

Edição n.º 1009702

www.incm.pt
E-mail: dco@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br